

O MÉTODO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E O ESPECTRO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

Nelson Cardoso Amaral *

RESUMO

O método em ciências sociais é uma discussão sempre presente nos textos de sociologia e filosofia. A presença do ser humano, com toda a sua complexidade, como parte do fenômeno analisado, é um ingrediente que apresenta grandes dificuldades adicionais em relação ao método em ciências naturais, que não apresenta essa característica. Discute-se aqui se a explicação dada por De La Boétie em 1577 para a servidão voluntária justificaria alguns aspectos relacionados ao comportamento do ser humano, como a ambição, e se essa hipótese não deveria ser incorporada fortemente no método em ciências sociais. O espectro da servidão voluntária explicaria, por exemplo, o porquê da frustração das previsões de Marx e Engels sobre a queda e o fracasso do capitalismo?

Palavras-chave: método, individualismo e servidão voluntária.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a adaptação do método de investigação das ciências naturais para as ciências sociais é antiga e permeia, ainda hoje, muitos textos de sociologia e filosofia. Basicamente o que diferencia os dois campos de estudo é o fato de que nas ciências sociais os seres humanos fazem parte do fenômeno que está sendo analisado. Nas ciências naturais o ser humano é apenas um espectador que, de fora, examina como a natureza se apresenta e procura explicá-la. Estando imerso no problema e fazendo parte dele, o ser humano acrescenta-lhe variáveis e dimensões desconhecidas que inviabilizam conclusões únicas e simples. Por não ser padronizável e por possuir um continuum infinito de possibilidades ao se constituir como um único, o ser humano é o ente mais comple-

xo que existe no planeta. Exatamente por isso, ele é constantemente inquieto, ambicioso, individualista e tendente a se inserir de forma caótica na sociedade. O que levaria o ser humano a se comportar de forma irracional e tão individualista? O que impede o delineamento de uma metodologia que nos encaminhe para o entendimento dos fatos sociais? A explicação dada por De La Boétie em 1577 (1987) para a servidão voluntária justificaria alguns aspectos relacionados ao comportamento do ser humano e explicaria um pouco o porquê da frustração das previsões de Marx e Engels sobre a queda e o fracasso do capitalismo? A hipótese do espectro da servidão voluntária que ronda o ser humano não deveria ser incorporada fortemente no método em ciências sociais? Essa não seria a indicação do texto de De La Boétie?

Apresenta-se primeiramente, de forma sucinta, os métodos propostos por Marx e Engels do Materialismo Histórico, a Teoria Crítica de Max Horkheimer e a formulação dos Tipos Ideais de Max Weber. Discute-se, então, um pouco dos aspectos relacionados ao comportamento do ser humano, baseando-se nos textos discutidos nas disciplinas Epistemologia e Educação e Teorias de Estado e Educação do primeiro semestre do programa de doutoramento em educação da Universidade Metodista de Piracicaba, em especial o texto de De La Boétie que apresenta o “Discurso da Servidão Voluntária” (1997).

OMATERIALISMO HISTÓRICO DE MARX E ENGELS

Em A ideologia alemã (1979) e em A produção da consciência (1982), Marx e Engels já apresentam as bases do seu método que, mais tarde, se chamaria materialismo histórico. Nesse texto os autores, ao elaborarem as suas críticas à filosofia neo-hegeliana-alemã, se sustentam no que eles chamam de fatos empíricos. O primeiro fato empírico se baseia na transformação da atividade do indivíduo numa atividade universal e o segundo se baseia na dissolução do estado social existente, pela revolução comunista e pela supressão da propriedade privada. Como consequência, a História se transforma em História Universal. Marx e Engels afirmam que a “a verdadeira riqueza espiritual do indivíduo depende inteiramente da riqueza de suas relações reais” (1982, p. 145) e que sobre o plano real da História “ela não explica a prática a partir da idéia, mas a formação das idéias a partir da prática material” (1982, p. 28).

Como essa visão científica da História, Marx e Engels não podiam aceitar as explicações dos filósofos alemães pela “redução à ‘consciência de si’ ou pela metamorfose em ‘aparições de almas de outros mundos’, em

‘fantasmas’, em ‘loucas fantasias’ etc.” (1979, p. 28). Eles não admitiam, veementemente, que os filósofos alemães não perguntassem qual a conexão entre a filosofia e a realidade, qual a conexão entre a crítica e o seu próprio meio material.

Segundo Engels, o materialismo histórico

designa uma visão do desenrolar da história que procura a causa final e a grande força motriz de todos os acontecimentos históricos importantes no desenvolvimento econômico da sociedade, nas transformações dos modos de produção e de troca, na conseqüente divisão da sociedade em classes distintas e na luta entre classes. (Bottomore, 1997, p. 260)

Poderemos compreender o momento atual se conseguirmos entender claramente o processo histórico que nos trouxe até aqui e suas conexões com os aspectos econômicos, políticos e culturais, sendo que para Marx e Engels o componente econômico desempenha um papel importante como definidor dos fatos históricos.

Utilizando-se desse método, Marx e Engels estavam convencidos da bancarrota do regime capitalista e que pelas mãos dos trabalhadores haveria de nascer uma nova sociedade comunista, com o desaparecimento das classes sociais, com a justiça social e a não- necessidade da existência do Estado.

O que explicaria a falha que ocorreu nessa previsão? A maioria absolutíssima da população era constituída de trabalhadores que sofriam exploração e as maiores carências. Por que não ocorreu uma explosiva reação dessa grande maioria capaz de provocar a alteração prevista por Marx e Engels?

A TEORIA CRÍTICA DE MAX HORKHEIMER

No texto “Teoria tradicional e teoria crítica”, Max Horkheimer (1993) debate as metodologias utilizadas pelos cientistas quando da elaboração de uma teoria. Segundo Horkheimer, a teoria crítica tem como objeto os homens, que fazem parte do fato em estudo; ele (o homem) não é um espectador como no caso das ciências naturais, mas ele é um agente do fato que ocorre interagindo com os efeitos determinantes na compreensão do fato social em análise. Assim, Horkheimer (1991, p. 40) expressa esse fato: “Todavia se confunde facilmente a questão da mediação do fato pela práxis social como um todo com a questão da influência exercida pelo instrumental medidor sobre o objeto observado, ou seja, como um método

particular.”

O homem, por fazer parte do processo, pode nele intervir, ao estudá-lo, mudando as condições iniciais existentes e, então, alterando as conclusões que seriam apreendidas do fenômeno social caso ele não se fizesse presente.

Para Horkheimer (1991, p. 71), a teoria crítica deve lutar

contra as ilusões harmonicistas do liberalismo [e mostrar] a intensificação da injustiça social no conceito de troca justa, o domínio do monopólio no de economia livre, a consolidação de situações atravancadoras da produção no de trabalho produtivo, a pauperização dos povos no de sobrevivência da sociedade.

Portanto, a teoria crítica analisa por dentro e não se contenta, como a teoria tradicional, a ver a sociedade como algo consumado. Assim, a teoria crítica não deve se ater ao estudo dos problemas relacionados a uma determinada classe, mas deve abrir, amplamente, os seus temas de análise. Horkheimer acreditava que as tensões existentes no debate, instalado sob intensa crítica ao ambiente existente, promoveria o aparecimento de soluções e definições de novos caminhos, mais justos, para a sociedade.

OS TIPOS IDEAIS DE MAX WEBER

Coube a Max Weber levar o método da compreensão à sociologia.

A compreensão seria o modo típico de proceder das ciências humanas, que não estudam fatos que possam ser explicados propriamente, mas visam aos processos permanentemente vivos da experiência humana e procuram extrair deles seu sentido, [enquanto que] o modelo explicativo seria característico das ciências naturais, que procuram o relacionamento causal entre os fenômenos. (Weber, 1999, 21)

No texto “A objetividade do conhecimento nas ciências sociais” Weber (1999) trata dos fenômenos econômicos, economicamente relevantes e economicamente condicionados, e critica, pelo excesso de economicismo, a concepção materialista da História de Marx e Engels. Max descarta as causas econômicas como únicas para explicar os fenômenos culturais. Ele chega mesmo a dizer que até os fenômenos econômicos não podem ser explicados unicamente por causas econômicas.

Uma importante diferença apresentada por Weber entre as ciências

naturais e a ciências sociais é que nas ciências exatas e da natureza as leis devem ser as mais generalizantes possíveis, enquanto que nas ciências sociais os conceitos genéricos são os menos valiosos, pois eles se tornam abstratos e não conseguem dar uma compreensão confiável do fato específico em estudo.

Ao tratar do estudo da “objetividade” do conhecimento nas ciências da cultura, Max Weber (1991, p. 23) apresenta o conceito de tipo ideal, que corresponde “a um processo de conceituação que abstrai de fenômenos concretos o que existe de particular, constituindo assim um conceito individualizante...”. O tipo ideal desempenharia nas ciências sociais o mesmo papel que as leis, nas ciências naturais. Ao se estudar um fenômeno social deve-se abstrair os tipos ideais presentes nesse caso e, a partir dessas informações, monta-se o quadro ideal que procurará dar uma compreensão para o fenômeno estudado. É, então, um complexo de informações que precisa ser exaustivo e ordenadamente analisado para se obter a compreensão do fato social em debate.

ASERVIDÃO VOLUNTÁRIA

Sociedade e Indivíduo (Horkheimer e Adorno, 1973) são dois conceitos complexos em que estão presentes toda a beleza e diversidade do ser humano. Que características próprias do indivíduo seriam responsáveis por toda essa complexidade?

De La Boétie (1987) em seu Discurso da servidão voluntária, cuja primeira edição completa ocorreu em 1577, apresenta a seguinte situação dramática vivida pelos povos sujeitos à ira de um tirano, e quer entendê-la:

Por hora gostaria de entender como pode ser que tantos homens tantos burgos, tantas cidades, tantas nações suportam às vezes um tirano só, que tem apenas o poderio que eles lhe dão, que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto tem vontade de suportá-lo, que não poderia fazer-lhes mal algum senão quando preferem tolerá-lo a contradizê-lo.

Coisa extraordinária, por certo, e porém tão comum que se deve mais lastimar-se do que espantar-se ao ver um milhão de homens servir miseravelmente, com o pescoço sob o jugo, não obrigados por uma força maior, mas de algum modo (ao que parece) encantados e enfeitiçados apenas pelo nome de um, de quem não devem temer o poderio pois ele é só, nem amar as qualidades pois é desumano e feroz para com eles. (De La Boétie, 1987, p. 12)

Realmente, é uma situação intrigante. Bastaria, como afirma De La Boétie

(1987), que as pessoas se negassem a cumprir as ordens do tirano e ele não mais existiria.

De La Boétie apresenta uma explicação para o fenômeno da servidão voluntária:

Mas agora chego a um ponto que em meu entender é a força e o segredo da dominação, o apoio e o fundamento da tirania. No meu juízo, muito se engana quem pensa que as alabardas, os guardas e a disposição das sentinelas protegem os tiranos. Creio que a eles recorrem mais como formalidade e espantinho do que por confiança. Os arqueiros proíbem a entrada do palácio aos mal-vestidos que não têm meios, não aos bem-armados que podem fazer alguma empresa. Certamente é fácil contar que entre os imperadores romanos não foram tantos os que conseguiram escapar de algum perigo graças a seus guardas quanto os que foram mortos por seus próprios arqueiros. Não são os bandos de gente a cavalo, não são as companhias de gente a pé, não são as armas que defendem o tirano; de imediato, não se acreditará nisso, mas com certeza é verdade. São sempre quatro ou cinco que mantêm o tirano; quatro ou cinco que lhe conservam o país inteiro em servidão. Sempre foi assim: cinco ou seis obtiveram o ouvido do tirano e por si mesmos dele se aproximam; ou então por ele foram chamados para serem os cúmplices de suas crueldades, os companheiros de seus prazeres, os proxenetas de suas volúpias, e sócios dos bens de suas pilhagens. Tão bem esses seis domam seu chefe, que ele deve ser mau para a sociedade não só com suas próprias maldades, mas também com as deles. Esses seis têm seiscentos que crescem debaixo deles e fazem de seus seiscentos o que os seis fazem ao tirano. Esses seiscentos conservam debaixo deles seis mil, cuja posição elevaram; aos quais fazem dar o governo das províncias ou o manejo dos dinheiros para que tenham na mão sua avareza e crueldade e que as exerçam no momento oportuno; e, aliás, façam males que só possam durar à sua sombra e isentar-se das leis e da pena por seu intermédio. Grande é o séquito que vem depois e quem quiser divertir-se esvaziando essa rede não verá os seis mil mas os cem mil, os milhões que por essa corda agarram-se ao tirano servindo-se dela como Júpiter em Homero, que se gaba de trazer a si todos os deuses ao puxar a corrente. (1987, 31-32)

Cada ser humano estaria, então, com a sua ambição, pronto para subir nessa rede que se forma a partir do dominador? Para alcançar esse objetivo o ser humano não apresentaria limites ao seu individualismo e não mediria esforços nessa escalada, mesmo que prejudicando outros seres

humanos? O espectro da servidão voluntária permearia as ações e atitudes humanas? Ele seria um fator importante para explicar muitos momentos do comportamento humano, principalmente aqueles que são aparentemente ininteligíveis?

CONCLUSÃO: O ESPECTRO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

Querendo entender o comportamento do ser humano e colocando como relevante o aspecto relacionado à servidão voluntária apresentada por De La Boétie, passagens de diversos textos sugerem que esse componente, que coloca o ser humano à espreita como que pronto para dar o bote em outro ser humano e conseguir uma posição superior na rede, está presente.

Adam Przeworski, em *Capitalismo e social-democracia* ao discorrer sobre o comportamento dos trabalhadores diante das ações do regime capitalista afirma:

Nem a “dominação ideológica” nem a repressão são suficientes para explicar a maneira pela qual os trabalhadores organizam-se e agem sob o capitalismo. O operariado não se compõe de eternos simplórios ou de vítimas passivas: os trabalhadores, de fato, organizam-se em sindicatos e, na maioria dos países, em partidos políticos; tais organizações têm apresentado projetos políticos próprios; escolheram estratégias e as seguiram, conseguindo vitórias ou derrotas. Ainda que ela própria seja moldada pelas relações capitalistas, a classe trabalhadora tem-se constituído em uma força ativa na transformação do capitalismo. Jamais compreenderemos a capacidade de recuperação do socialismo se não buscarmos a explicação nos interesses e nos atos dos próprios trabalhadores. (Przeworski, 1989, p. 15)

Qual a explicação que podemos dar para esse fato? A de que cada trabalhador ambiciona um dia se tornar um capitalista? É claro que sempre há a chance de alguns poucos conseguirem concretizar esse fato. Assim, cada um, no fundo, não alimentaria a esperança de que ele seria o próximo a se libertar da condição de trabalhador e se tornar um patrão, possuidor de capital financeiro para montar um grande negócio e passar a ser o explorador da força de trabalho de outros seres humanos? Essa não seria uma das hipóteses possíveis para explicar o fracasso das análises de Marx e Engels que esperavam a queda do capitalismo?

Adam Smith, no seu “Inquérito sobre a natureza e as causas da riqueza

estado natural dos homens, antes de se reunirem em sociedade, fosse a guerra, uma guerra de todos contra todos". A "tendência natural dos homens para se causarem danos recíprocos" entra em conflito com as imposições da razão natural, que exige "a preservação da vida e a possibilidade de cada um dos membros do grupo a conservar" [...] A convivência entre os homens B a Sociedade B só é possível em virtude da submissão dos indivíduos. (Horkheimer e Adorno 1973, p. 31)

Max Weber, em "Os três tipos puros de dominação legítima" (1999a), afirma que a dominação que se repousasse apenas no clientelismo, no "toma lá dá cá" ou no "mero costume", seria completamente instável. A estabilidade de uma dominação viria da "legitimidade" do que domina em relação aos dominados.

Segundo Weber, as bases de legitimidade da dominação são três: dominação legal, dominação tradicional e dominação carismática. A dominação legal ocorre através da obediência a um estatuto, e a normas previamente estabelecidas por instâncias estatuídas. A dominação tradicional se dá pelo culto ao que se encontra estabelecido, em que o "senhor" possui a fidelidade dos "súditos" no que se refere às suas decisões que mudam o curso da história. A dominação carismática se efetiva pela devoção do "líder" pelos que o obedecem, por crerem em seus "poderes" para solucionar, quase que num passe de mágica, os problemas que os afligem.

Na dominação legal (Weber, 1999a, p. 129) "obedece-se não à pessoa em virtude de seu direito próprio, mas à regra estatuída, que estabelece ao mesmo tempo a que e em que medida se deve obedecer." Na dominação tradicional (Weber, 1999a, p. 131),

obedece-se à pessoa em virtude de sua dignidade própria, santificada pela tradição: por fidelidade. O conteúdo das ordens está fixado pela tradição, cuja violação desconsiderada por parte do senhor poria em perigo a legitimidade do seu próprio domínio, que repousa exclusivamente na santidade deles.

Na dominação carismática (Weber, 1999a, p.135),

obedece-se exclusivamente à pessoa do líder por suas qualidades excepcionais e não em virtude de sua posição estatuída ou de sua dignidade tradicional; e, portanto, também somente enquanto essas qualidades lhe são atribuídas, ou seja, enquanto seu carisma subsiste. Por outro lado, quando é abandonado pelo seu deus ou quando decaem a sua força

heróica ou a fé dos que crêem em suas qualidades de líder, então seu domínio também se torna caduco.

Por que, em geral, os seres humanos gostariam que existissem mais dominação carismática e menos dominação legal? As pessoas não procuram o tempo todo aquele que quer e pode resolver os seus problemas com uma só e definitiva “penada”? Em geral as pessoas querem que se encontre uma forma de resolver o seu problema em especial e elas gostariam também de dizer no seu âmbito de atuação que conseguiram tais e tais “benesses” com o detentor do poder, pelos seus méritos, por possuir um relacionamento pessoal com o poderoso, mesmo que em detrimento de outrem. As pessoas, em geral, querem uma dominação legal para os outros e uma dominação tradicional e carismática para si. Qual a explicação para esse comportamento? Novamente ronda o espectro da servidão voluntária de De La Boétie?

Em “Educação após Auschwitz” Adorno (1986) clama, o tempo todo, para que não haja repetição daquele horror e procura por uma explicação:

Devem-se conhecer os mecanismos que tornam os homens assim, que os tornam capazes de tais atos. Deve-se mostrar esses mecanismos a eles mesmos e buscar evitar que eles se tornem assim novamente, enquanto se promove uma conscientização geral desses mecanismos. (Adorno, 1986, p. 34-35).

Adorno estaria dizendo que o espectro da servidão voluntária poderia ser um componente de explicação para o que ocorreu naquele campo de concentração ao afirmar que “existem pessoas que lá embaixo, como servos, portanto, praticam atos que se destinam a perpetuar a sua própria servidão e se despem de toda a dignidade humana” (Adorno, 1986, p. 45)? Ao realizar uma meditação sobre a conferência, de Adorno, que discutiu a educação após a existência de Auschwitz, Oswaldo Giacoia Júnior, no trabalho “Ética, técnica e educação (2000), faz uma afirmação citando Freud:

E isso porque, a tarefa traz em si algo de desesperado, porquanto, conforme ensinou Freud, a barbárie está instalada no próprio princípio da civilização, de modo que esta não pode deixar de produzir e crescentemente reforçar o elemento anti-civilizatório.

Poderíamos aumentar em muito essa lista de momentos em que o aspecto

relacionado à servidão voluntária se apresenta. Como resolver esse problema? Ele é inerente ao indivíduo e inalterável? Um processo educacional na primeira infância (Adorno, 1986) poderia solucioná-lo ou amenizá-lo? Esse componente não deveria ser mais valorizado nas análises do comportamento humano ante aos processos coletivos? Se esse componente é realmente tão forte, estaria o ser humano fadado a ser cada vez mais individualista e cada vez mais ambicioso? Qual seria o limite para suas atitudes? O caos extremo na sociedade? Será que só nesse momento o ser humano poderia sofrer uma radical transformação? Mais uma vez o espectro: quando a sua própria vida, como espécie habitante do planeta, estivesse em perigo?

ABSTRACT

The method in Social Sciences is a constant discussion in Sociology and Philosophy. The presence of human being, in all its complexity, as a part of the analysed phenomenon is an element which presents great additional difficulties compared to the method in Natural Sciences, which does not present this feature. This study discusses whether the explanation, given by De La Boétie, in 1577, for voluntary servitude would justify some aspects related to human being behavior, such as ambition, and whether this hypothesis should not be incorporated to the method in Social Sciences. Would the spectre of voluntary servitude, for example, explain the reason for frustrations in Marx e Engels' predictions about the fall and failure of capitalism?

KEYWORDS: method, individualism and voluntary servitude.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: COHN, G. ADORNO, Theodor. Sociologia. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- DE LA BOÉTIE, Etienne. O discurso da servidão voluntária ou O contra um. In: Discurso da servidão voluntária. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- GIACOIA, Osvaldo. Ética técnica e educação. 2000. Mimeografado.
- HORKHEIMER, M. Temas básicos de sociologia. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.
- HORKHEIMER, M., ADORNO, Theodor. Sociedade; Indivíduo. Temas básicos de sociologia: ideologia. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.
- MARX, K. e ENGELS, F. (1979). A ideologia alemã (I-Feuerbach). São Paulo: Livraria Ed. Ciências Humanas.
- _____. A produção da consciência. São Paulo: Ática, 1982.
- PRZEWORSKI, Adam. Capitalismo e social-democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SMITH, Adam. Das despesas do soberano ou da comunidade. A riqueza das nações. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- WEBER, M. Vida e obra de Max Weber. São Paulo: Nova Cultura, 1991 (Os Pensadores).
- _____. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. In: WEBER, G. Cohn, Sociologia. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. Os três tipos puros de dominação legítima. In: Weber G. Cohn. Sociologia. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999a.

* Professor do Instituto de Física da Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutorando em educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). izamaral@cultura.com.br ou nelson@fis.ufg.br